



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

Curso de Licenciatura em Antropologia

**BEBER CERVEJA “LITE”, VESTIR ORIGINAL, SER CIVILIZADO E
DISTANCIAR-SE DOS *MOLWENES*: ELITE COMO REIVINDICAÇÃO**

Candidato:

Laércio Lourenço Sulila

Supervisor:

dr. Emídio Vieira Salomone Gune

Maputo, Dezembro de 2014

**BEBER CERVEJA “LITE”, VESTIR ORIGINAL, SER CIVILIZADO E
DISTANCIAR-SE DOS *MOLWENES*: ELITE COMO REIVINDICAÇÃO**

Trabalho de Culminação de Estudos na Modalidade de Projecto de Pesquisa em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane

Candidato

Laércio Lourenço Sulila

O Supervisor

Presidente

Oponente

Maputo, Dezembro de 2014

Declaração

Declaro que este relatório de pesquisa é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente para a obtenção de qualquer grau académico.

Laércio Lourenço Sulila

Maputo, Dezembro de 2014

Dedicatória

*Dedico este trabalho aos meus pais,
Egídio J. M. Sulila e Laurinda
Nhabanga. E as minhas irmãs Natacha,
Cristina e Marlene.*

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço ao meu orientador, dr. Emídio Vieira Salomone Gune, pela disponibilidade, atenção, dedicação e paciência na orientação deste trabalho. Pelas críticas e sugestões com vista a superar as minhas maiores dificuldades na efectivação do mesmo. E por me ter ensinado o caminho para a produção do conhecimento antropológico.

Agradeço a todos os docentes do departamento de Arqueologia e Antropologia que participaram no processo de ensino deste curso durante os quatro anos.

Ao meu tio Maurício Sulila, que desde a infância, mostrou a importância e o valor da escola, e sobretudo por incentivar-me a estudar. Ao meu avô Leonardo Sulila pelo apoio de material informático a quando do meu ingresso a universidade.

Agradeço ao Marcos Licuambe, um irmão social e amigo desde a infância, pela força no momento mais difícil da minha carreira académica. Ao Cláudio Covane pela compreensão e apoio financeiro durante maior tempo do curso. Ao Cloves Macave, outro irmão e amigo, pelo companheirismo e debates académicos.

Agradeço aos meus colegas de turma de “Antropologia 2010”, em especial aos colegas de grupo e amigos, Cristina, Majaia, Mondlane, Zimila, Massingue, Cossa, Manjate, Estedy, Pilale, André, Macamo, Nhazilo. Aos colegas de turma de “Antropologia 2009”, Helder Amâncio, Mariza Chivangue, Efraime Nhabanga, Patrícia dos Santos pela explicação de dúvidas e orientação de exercícios, e em especial a Hortência Guiloviça pela força e apoio moral. Ao Gomes bibliotecário, pelo apoio na procura de material bibliográfico.

Agradeço também ao pessoal da “Esquina de contentor”, da “Esquina do facebook” e do “Ginásio”, locais onde fiz o trabalho de campo, pela partilha dos momentos de conversa e convívio.

A todos, muito obrigado

Resumo

O presente trabalho analisa o processo de reivindicação de pertença a uma elite no dia-a-dia a partir de práticas de consumo e discursos sobre pertença. As elites têm sido estudadas sob três perspectivas. A primeira considera elites apenas aqueles que estão no topo das organizações administrativas, e os que a eles estão associados, a segunda considera elites como aqueles que estão no topo dos organogramas das organizações burocráticas. E uma terceira perspectiva que considera elites como um grupo de pessoas que se apresentam como superiores comparativamente aos outros no contexto social onde se encontram. Se por um lado as primeiras duas perspectivas permitem compreender elites no contexto dos organogramas e organizações, por outro lado perdem de vista elites que se estabelecem no quotidiano, fora da lógica de estrutura administrativa e ou burocrática, diferentemente da terceira perspectiva que olha para esses aspectos.

Com base em dados recolhidos a partir de um trabalho etnográfico nos bairros de Laulane, Ferroviário e das Mahotas, constatei que os participantes do presente estudo, no seu quotidiano, reivindicam a pertença a uma categoria superior em relação aos outros. Essa reivindicação é expressa no discurso de pertença a um espaço residencial denominado Espanha, e que é tido como civilizado comparativamente a outras áreas de residência próximas, tidas como de marginais; no consumo de marcas de cerveja mais recentes e caras, em relação as bebidas existentes no mercado e mais baratas, e no uso de roupa, calçado e objectos de enfeite como relógios provenientes do estrangeiro e considerados originais, e a que eles supostamente acedem de modo exclusivo em detrimento das outras pessoas.

O facto de os participantes do presente estudo reivindicarem essa superioridade a partir das expressões acima apresentadas permite considerar que eles fazem parte de uma elite, o que por um lado leva a distanciar-me das primeiras duas perspectivas que reduzem elites apenas no topo dos organogramas e organizações, e por outro lado reforça a perspectiva que defende elites como um grupo de pessoas que reivindicam serem superiores comparativamente aos outros no contexto social onde se encontram.

Palavras-chave: Reivindicação, pertença e elite

Índice

Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	v
1. Introdução.....	1
2. Revisão de literatura	4
3. Enquadramento teórico e conceptual.....	10
3.1 Perspectiva teórica.....	10
3.2 Conceitos.....	10
4. Procedimento metodológico	13
4.1 Selecção dos participantes de estudo	14
4.2 Técnicas de recolha e tratamento de dados	14
4.3 Constrangimentos do trabalho de campo	15
5. A manifestação de uma elite nas situações do quotidiano.....	17
5.1 Caracterização dos Locais da pesquisa	17
5.2 “Longe de molwenices”: os lugares frequentados pelos participantes	22
5.3 Espanha: a zona dos “civilizados”	26
5.4 Uma busca infundável pelo novo: reivindicação de superioridade a partir das práticas de consumo.....	30
6. Conclusão	39
Referências.....	41

1. Introdução

O presente trabalho analisa o processo de reivindicação de pertença a uma elite no dia-a-dia, a partir de práticas de consumo e discursos sobre pertença entre um grupo de jovens na cidade de Maputo. Numa fase inicial pretendia compreender porquê os participantes consumiam a cerveja “Lite”. Cheguei a esse assunto porque no dia-a-dia notei que um grupo de indivíduos que consumia a referida cerveja ridicularizava as pessoas que consumiam marcas de cerveja tais como “2M”, “Raiz”, “Manica” e “Laurentina preta”.

Para além do facto acima constatado, a medida que fui conversando com os participantes sobre suas histórias de consumo de cerveja percebi que eles começaram a consumir a cerveja “2M” e nessa altura ridicularizavam as pessoas que consumiam marcas tais como “Tentação”, “Boss” “Raiz”. Num outro momento, os participantes se distanciaram do consumo da “2M” e começaram a consumir a “Laurentina preta”, e nesta altura ridicularizavam aqueles que consumiam “Raiz”, “Manica” e “2M”. Num outro momento os participantes começaram a consumir a “Heineken”, onde por sua vez ridicularizavam aqueles que consumiam “Raiz”, “Manica”, “2M” e “Laurentina preta”.

Uma vez iniciado o trabalho de campo notei que os participantes faziam um exercício semelhante no consumo da cerveja “Lite”, pois primeiro notei que os participantes consumiam a “Lite” em garrafa, depois de um tempo começaram a consumir a “Lite” em lata, passado algum tempo passaram a consumir a “Lite” em lata que fosse supostamente importada da África do Sul ou Swazilândia.

Ao longo do trabalho de campo percebi que para além do consumo da “lite” os participantes afirmavam usar marcas de roupa estrangeira e original, e a frequentar lugares que consideravam de “não *molwenices*” no seu contexto. Esses acontecimentos permitiram-me perceber que entre os participantes a questão não era apenas de uma marca de cerveja, mas de uma lógica que parecia estruturar a forma como eles viviam, e que essa lógica parecia mostrar que os participantes produzem discursos e práticas que os distingue como superiores comparativamente aos outros.

Ao notar esses aspectos no campo lembrei-me de Shore (2002) para quem a medida que um grupo de indivíduos desenvolve em primeiro lugar seu próprio jogo de interesses particulares,

normas e práticas para diferenciar a si das massas, constitui-se como elite e Evers (2002) para quem o facto de um grupo, no contexto social onde se encontra, dispor de quaisquer condições para reclamar uma categoria superior relativamente aos outros permite que eles se considerem como parte de uma elite. Foi assim que no lugar de analisar apenas o consumo da cerveja “Lite” alarguei o campo e analisei processos de reivindicação de pertença a elites no dia-a-dia.

Analisada a literatura sobre elites identifiquei três principais perspectivas. Uma primeira perspectiva considera elites apenas aqueles que estão no topo das organizações administrativas, e os que a eles estão associados (Hanlon e Mosse 2010; Sumich, 2008). Uma segunda perspectiva considera elites àqueles que estão no topo dos organogramas das organizações burocráticas (Cruz 1990; Coradini, 1997; Lisboa et al 2006; Martin 2008), e uma terceira perspectiva considera elites como um grupo de pessoas que se apresentam como superiores comparativamente aos outros do seu contexto social (Evers, 2002).

De uma forma geral, se por um lado as duas primeiras perspectivas permitem compreender elites no contexto das organizações administrativas e organogramas, por outro lado perdem de vista elites que se estabelecem no quotidiano, fora da lógica de estrutura administrativa e ou burocrática. Por sua vez diferentemente das duas primeiras, a terceira perspectiva permite compreender elites para além dessas organizações, o que abre espaço para compreender elites no quotidiano.

Na linha da terceira perspectiva e de modo a compreender processos de reivindicação de pertença a elites no quotidiano, realizei uma pesquisa etnográfica entre um grupo de indivíduos de sexo masculino, em algumas barracas, no ginásio e em eventos festivos nos bairros de Laulane, Ferroviário e das Mahotas na cidade de Maputo.

Da análise feita aos dados constatei que o grupo de participantes do presente estudo, no seu quotidiano, reivindica a pertença a uma categoria superior em relação aos outros. Essa reivindicação é expressa no discurso de pertença a um espaço residencial denominado Espanha, e que é considerado como civilizado comparativamente a outras áreas de residência próximas, consideradas de marginais; no consumo de marcas de cerveja mais recentes e caras, em relação as outras bebidas mais antigas no mercado e mais baratas; e no uso de roupa, calçado e objectos de enfeite como relógios, provenientes do estrangeiro e

considerados originais, e que seriam de acesso exclusivo para eles em detrimento das outras pessoas. O facto de eles reivindicarem essa categoria superior no seu dia-a-dia é que permite considerar que eles fazem parte de uma elite.

Apresento o trabalho em seis capítulos. No primeiro capítulo apresento a introdução que contém as linhas gerais da pesquisa. No segundo apresento a revisão de literatura com as perspectivas de estudo dominantes sobre o assunto e suas limitações. No terceiro capítulo apresento o enquadramento teórico e conceptual, as perspectivas teóricas adoptadas para a orientação da pesquisa, e ainda os conceitos operacionalizados na mesma.

No quarto capítulo apresento os procedimentos metodológicos. Neste capítulo apresento o método da pesquisa, como foram operacionalizados os instrumentos de recolha de dados, e os procedimentos de organização e análise dos mesmos. No quinto capítulo apresento e discuto os dados de campo, e por fim, no último capítulo apresento as considerações preliminares do trabalho.

2. Revisão de literatura

Da revisão de literatura sobre o assunto, constato que as elites são tratadas sob três perspectivas. Uma primeira perspectiva considera elites apenas aqueles que estão no topo das organizações administrativas, e os que a eles estão associados (Hanlon e Mosse 2010; Sumich, 2008). A segunda perspectiva considera elites àqueles que estão no topo dos organogramas das organizações burocráticas (Cruz 1990; Coradini, 1997; Lisboa et al 2006; Martin 2008); e a terceira perspectiva considera elites como um grupo de pessoas que se apresentam como superiores comparativamente aos outros no contexto social onde se encontram (Evers, 2002).

A primeira perspectiva é sustentada por autores como Daloz (2003). A partir de um estudo sobre a forma como as elites da África subsaariana acumulam posições e recursos, este autor considera elites como líderes que usam capital político para adquirir recursos económicos, controlando tantos campos de actividade e redes possíveis, e que se consideram os grandes homens da sociedade.

Assim, para Daloz (2003) fazem parte da elite os líderes que são simultaneamente entidades políticas, económicas e administrativas. Se por um lado o estudo de Daloz (2003) permite compreender como são pensadas elites no contexto africano, por outro lado ao reflectir sobre uma região que congrega vários países e também ao centrar-se na ideia de elites como grupos de lideranças administrativas, perde de vista as elites que estão para além destes grupos.

A partir de um estudo sobre Moçambique, Hanlon e Mosse (2010) consideram a elite da Frelimo como sendo a elite de Moçambique. Com base em um estudo sobre as estratégias da elite moçambicana para o desenvolvimento económico, Hanlon e Mosse (2010) afirmam que o modelo de desenvolvimento da elite retomou em parte, o modelo similar ao período da independência.

Para Hanlon e Mosse (2010) esse modelo serviu de inspiração para uma nova forma de capitalismo de desenvolvimento da elite, que usa rendas do Estado para a construção de um grupo comercial e industrial e não apenas para fins predatórios e de consumo. Se por um lado este estudo permite compreender como é considerada uma forma de elite em Moçambique, por outro lado ao considerar elite apenas como composta por pessoas da organização

administrativa transforma a ideia de elites em essência, o que impossibilita compreender outras formas de elite para além das entidades administrativas.

Diferentemente de Hanlon e Mosse (2010) que restringem elites aos membros da Frelimo, Sumich (2008) considera que em Moçambique existem diversos grupos que reivindicam o título de elite, de entre os quais os régulos, os líderes religiosos, os estrangeiros associados a organizações internacionais poderosas, os membros mais importantes da classe mercantil indiana e os altos membros da Renamo. Apesar disso em sua abordagem Sumich (2008) considera os membros do partido governante da Frelimo e os grupos a eles vinculados como sendo a elite socialmente dominante de Moçambique.

Para Sumich (2008) a elite dominante moçambicana reproduziu a sua posição por meio do enraizamento à uma ideologia da modernidade. Ainda segundo Sumich (2008) essa ideologia de modernidade é fruto de um processo de auto-determinação, a partir do qual essas elites se percebem como “modernas” em relação a uma nação que segundo elas, não é. Se por um lado ao incluir no grupo das elites, grupos para além dos membros influentes da Frelimo, Sumich (2008) alarga a possibilidade de compreender a variedade de elites, por outro lado ao restringir-se aos membros do partido da Frelimo como a elite dominante, volta a ideia segundo a qual elites são apenas estes membros influentes.

De uma forma geral, a perspectiva que considera como elites apenas aqueles que estão no topo das organizações administrativas permite compreender como as elites são consideradas enquanto fenómeno dessas organizações. Entretanto ao considerar elites apenas aqueles que lideram as organizações administrativas e os que a eles estão associados, esta abordagem transforma a ideia de elite numa essência, que como diria Popper (citado por Rogério, 2012) a crença em essências pode ser um obstáculo para a busca de explicações ulteriores, pois, a curiosidade do cientista irá parar no momento em que identificar nos fenómenos estudados aquelas propriedades que ele considerar como essenciais às coisas. Assim, ao adoptar a perspectiva essencialista os subscritores dessa abordagem perdem de vista aqueles grupos que reivindicam, no quotidiano, a pertença a uma categoria superior em relação aos outros.

Quanto a perspectiva que defende que elites são aqueles que estão no topo dos organogramas das organizações burocráticas, Reis (2000) é um de seus subscritores. A partir de um estudo sobre as percepções da elite em torno da pobreza e desigualdade na sociedade brasileira, Reis

(2000) considera elites aos indivíduos que estão em determinadas posições dentro de instituições, de entre os quais os líderes sindicais, os líderes empresariais, políticos e burocratas. Se por um lado o estudo de Reis (2000) permite-nos compreender elites a partir de uma estrutura burocrática de organização, por outro lado faz-nos entender que apenas esses grupos das organizações burocráticas é que fazem parte da elite, o que deixa de fora elites existentes no dia-a-dia fora dessas organizações.

Com uma explicação parcialmente similar a de Reis (2000), Lisboa et al (2006) a partir de um estudo sobre a participação das mulheres nas elites de Portugal no período entre 1974 e 2004, distinguem duas elites, nomeadamente políticas e económicas. Para Lisboa et al (2006) fazem parte das elites políticas o primeiro-ministro, ministros, vice-ministros, secretários de Estado, e fazem parte das elites económicas os que estão em posições de topo na direcção de empresas, conselho de administração, conselho executivo, vocal, assembleia-geral e director.

Do seu estudo Lisboa et al (2006) mostram que tanto a nível político como económico há mais homens do que mulheres nas posições de topo no governo e nas empresas, o que os leva a considerar que há mais homens do que mulheres fazendo parte da elite. Se por um lado este estudo permite fazer uma distinção entre elites políticas e económicas, por outro lado perde de vista outras possíveis posições de topo existentes em outros contextos da sociedade.

De acordo com Martin (2008), acrescentando a ideia de Lisboa et al (2006), a partir de um estudo sobre a formação, composição, reprodução e recomposição das elites administrativas, económicas e políticas na França, fazem parte das elites os grandes chefes de indústria e do comércio; os dirigentes das grandes empresas, de bancos, da companhia de seguros; membros dos *grands corps*, da inspecção de finanças; os altos funcionários da administração; os membros do conselho de Estado, do tribunal de contas; os deputados; senadores; os membros dos gabinetes ministeriais; e diplomatas.

Para Martin (2008), existem critérios que fazem estes grupos ascenderem a categoria de elite. Segundo Martin (2008) para as pessoas alcançarem a categoria de elite têm passado pelas *grandes écoles*, instituições educativas como escolas de elite, privadas ou públicas, grandes liceus. Ainda segundo Martin (2008) essas pessoas frequentam essas instituições desde os primeiros dias de vida e por toda a vida. Estas explicações permitem perceber não só quem

são as elites, mas também como ascendem a essa categoria. Entretanto, ao centrar-se nestes tipos de elites perde-se a possibilidade de compreender elites no dia-a-dia.

Diferentemente de Martin (2008), Coradini (1997) mostra outra forma de se chegar a categoria de elite, a partir de um estudo sobre a formação de uma elite médica profissional no Brasil, centrando-se num caso de três exemplos de entidades relevantes na área profissional de medicina, onde fez o levantamento das trajetórias profissionais e acadêmicas num período que compreende os meados do sec. XIX à segunda metade do sec. XX, tendo como base empírica a Academia Nacional de Medicina. Segundo Coradini (1997) os médicos que estão nas mais altas posições de profissional na medicina do Brasil é que constituem a elite.

Ainda de acordo com Coradini (1997) os médicos alcançaram a categoria de elite por meio de relações de reciprocidade dentro de instituições oficiais. Essas relações de reciprocidade se resumem ao parentesco, “amizade instrumental”, e ligação com entidades políticas. Se por um lado o estudo de Coradini (1997) mostra que para além da passagem pela formação profissional e dos aspectos ligados a organização, o parentesco e amizade permitem alcançar a categoria de elite, por outro lado ao centrar-se no topo dessa organização burocrática perde de vista as elites que estão fora desse topo e da lógica formal da burocracia.

Com uma explicação parcialmente similar a de Lisboa et al (2006) e Martin (2008), Cruz (1990) analisa a participação política da juventude em Portugal. A partir desse estudo Cruz (1990) considera elites aos jovens que mais activa e organizadamente participam do processo político, os que militam nas organizações partidárias da juventude, e dentro destas, os que tomam parte no congresso nacional.

Para Cruz (1990) as pessoas tornam-se elites mediante a participação nas organizações partidárias, no exercício de mediação e conexão aos partidos. Este estudo permite compreender como a participação nas organizações partidárias condiciona as pessoas a fazerem parte da elite, mas ao centrar-se nas organizações partidárias torna a ideia de elite restrita a essas organizações e limita a possibilidade de compreender elites no quotidiano fora desse tipo de organização.

De uma forma geral, os autores da abordagem que defende elites como aqueles que estão no topo dos organogramas das organizações burocráticas permitem compreender elites no

contexto dos organogramas das diversas organizações como políticas, religiosas, empresariais e administrativas da sociedade. Entretanto, esse modelo mostra-se desajustado para compreender elites no dia-a-dia, fora da lógica da organização burocrática.

A terceira perspectiva considera elites como um grupo de pessoas que se apresentam como superiores comparativamente aos outros no contexto social onde se encontram. Um dos autores que se destaca nesta perspectiva é Peers (2002) que realizou um estudo sobre as elites do passado e os nativos da América do Norte, tomando como base sete locais históricos compostos por monumentos na região de Canadá e Estados Unidos. No referido estudo Peers (2002) centrou-se nas interpretações e narrativas feitas por visitantes e funcionários sobre os actores considerados mais importantes e superiores na história, entre por um lado, o grupo dos colonizadores e por outro lado os nativos.

Segundo Peers (2002) num primeiro momento as interpretações dos visitantes e funcionários dão mais importância ao grupo dos colonos ou homens poderosos de ascendência europeia, o que tornava os colonos como elites, em detrimento dos nativos. Num outro momento, as interpretações e narrativas passaram a valorizar os feitos dos nativos, e a reconhecer a sua importância e superioridade, o que deu corpo a uma nova elite composta pelos nativos. O estudo de Peers (2002) permite compreender como as narrativas e interpretações sobre a superioridade que se teve na história colocam entidades na categoria de elite. Entretanto, ao se restringir a essas interpretações e ao passado dos locais históricos perde de vista a possibilidade de compreender elites nas situações do quotidiano.

Diferentemente de Peers (2002) que adopta uma perspectiva histórica, Evers (2002) analisa o processo de construção de status de elite entre um grupo de imigrantes descendentes de escravos na região sul das terras altas de Madagáscar. Segundo Evers (2002) o grupo dos Betsileo considera-se superior ou elite em relação ao grupo dos Andevo, pelo facto de pertencerem a descendência dos libertos da escravatura e terem-se estabelecido muito antes na região, atribuindo-se o título de mestres da terra, ao contrário dos Andevo que são descendentes de escravos não libertos e considerados como inferiores e por isso socialmente marginalizados. Se por um lado o estudo de Evers (2002) permite compreender elites numa região constituída por um grupo étnico que partilha mesmos valores históricos, e que está para além das organizações administrativas e ou burocráticas, por outro lado perde de vista outras formas de elite que se manifestam no quotidiano.

De uma forma geral a literatura permite compreender elites apenas como grupos de lideranças administrativas e como aqueles que estão no topo da estrutura das organizações burocráticas. Se por um lado estas duas perspectivas permitem compreender elites no contexto das organizações administrativas e organogramas, por outro lado perdem de vista elites que se estabelecem no cotidiano, fora da lógica da estrutura administrativa e ou burocrática. Entretanto, diferentemente dessas duas primeiras perspectivas, uma terceira perspectiva permite compreender elites para além dessas organizações, o que abre espaço para compreender formas quotidianas de reivindicação de pertença a elite.

3. Enquadramento teórico e conceptual

3.1 Perspectiva teórica

Para a orientação desta pesquisa adoptei a teoria antropológica das elites de Cris Shore (2002). Esta teoria parte do pressuposto segundo o qual o que faz de um grupo uma elite é o grau de auto-reconhecimento e consciência que existe entre os seus membros. De acordo com esta perspectiva um grupo constitui-se como elite quando desenvolve uma cultura comum que é reconhecível para os seus membros, quando desenvolve seu próprio jogo de interesses particulares, normas e práticas para diferenciar a si das massas.

Para esta perspectiva as elites são compreendidas no seu contexto histórico, são compreendidas mediante a análise das estratégias que elas usam para se reproduzirem ao longo do tempo e mediante a análise da linguagem e das práticas através das quais as elites se representam e as técnicas que elas usam para legitimar a sua posição de superioridade (Shore, 2002).

A teoria antropológica das elites de Shore (2002) permitiu-me operacionalizar a presente pesquisa, pois esta teoria permite-me olhar a lógica presente nas diferentes práticas tais como consumo e discursos sobre pertença no quotidiano dos participantes do estudo, a partir das quais compreendi como os participantes manifestam um sentido de consciência, coesão e conspiração nas suas relações quotidianas, o que me levou a constatar que eles reivindicam a pertença a uma categoria superior em relação aos outros.

3.2 Conceitos

Elites

De acordo com Mills, citado por Freitas (1970) elite é definida como sendo a minoria que ocupa pontos de comando, e que forma uma unidade de poder que domina a sociedade. Esta definição permite compreender elites apenas como grupos de liderança, e por esse motivo exclui outros grupos que constituem elites.

Com uma definição parcialmente similar a de Mills, citado por Freitas (1970), Martin (2008) entende elites como aqueles que se encontram no topo da hierarquia social e aí exercem funções importantes, que são reconhecidas e valorizadas por toda a sociedade. Se por um lado esta definição permite compreender elites como parte de uma organização burocrática, por outro lado não permite compreender elites em outras possíveis organizações para além das burocráticas.

Com uma definição diferente das duas anteriores, Shore (2002) define elites como sendo aqueles que por razões históricas, posição económica, função política ou conexão familiar ascendem a posições superiores acima dos outros indivíduos da mesma sociedade. Se por um lado esta definição alarga os critérios sobre os quais alguns grupos se podem tornar elites, por outro lado carece de outros possíveis critérios que referenciam as elites no quotidiano.

Diferentemente das anteriores definições, para Monteiro (2009) elites são aqueles indivíduos pertencentes aos grupos melhor situados na estrutura social como um todo. Esta definição permite incluir os diversos grupos distintos e superiores desde aquelas entidades no topo das organizações administrativas, das organizações empresariais, ou académicas, até aos grupos que predominam no topo das várias esferas sociais do quotidiano.

Assim, neste trabalho utilizo o conceito de elites a partir da definição de Monteiro (2009). De acordo com esta definição percebo os participantes do presente estudo como um grupo de pessoas que reivindica uma posição superior aos outros, o que os qualifica como elite.

Identities sociais

De acordo com Pinto (1991) a produção de identidade implica a imbricação de dois processos: o processo pelo qual os actores sociais se integram em conjuntos mais vastos de pertença ou de referência, com eles se fundindo de um modo tendencial (processo de identificação), e o processo através do qual os agentes tendem a autonomizar-se e diferenciar-se socialmente fixando em relação aos outros, distancias e fronteiras mais ou menos rígidas (processo de identificação).

Para Pinto (1991) as identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação, com e contra, por inclusão e por exclusão, por intermédio de práticas de distinção. Se por um lado a definição de Pinto (1991) mostra os diversos critérios sobre os quais se dá o processo de

identificação, por outro lado carece de uma explicação que seja sustentável com base em fenómenos específicos do quotidiano.

Com uma definição parcialmente similar a de Pinto (1991), Deschamps et al, citado por Borges (2007) considera que as identidades sociais provêm de várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam. Para este autor identidade é um processo que resulta da pertença dos indivíduos a um grupo ou categoria social.

A definição de Deschamps et al, citado por Borges (2007) permite compreender identidades com referência a lógica de pertença a determinada categoria, razão pela qual neste trabalho utilizo-a porque inclui o processo pelo qual os participantes do presente estudo estabelecem um sentido de identidade ao reivindicar a pertença a uma categoria superior em relação aos outros.

Reivindicação

O conceito de reivindicação é definido por Machado et al (1992) como reclamação ou invocação de direito ou regalias político-sociais. A reivindicação pressupõe assunção ou exigência de algo. Nunes (1989) subscreve esta definição ao considerar a reivindicação como decorrência de mecanismos identitários, forjado na experiência de carências comuns.

Assim, neste trabalho utilizo a definição proposta por Machado et al (1992) a partir da qual considero reivindicação a acção individual ou colectiva com vista a exigir alguma coisa, uma identidade ou categoria.

4. Procedimento metodológico

Esta pesquisa é exploratória e tem um carácter qualitativo. Na mesma estudei o quotidiano dos participantes e nele centrei-me no que eles diziam, consumiam ou trajavam e nas explicações que eles davam a essas coisas, assim como nas explicações que davam sobre os lugares onde frequentavam.

O presente estudo foi realizado em três etapas complementares, nomeadamente a revisão de literatura sobre elites e outros assuntos associados, a recolha de dados etnográficos e a organização e análise de dados.

Quanto a revisão de literatura, esta foi feita de forma contínua. Durante o processo consultei dissertações, monografias e livros na Biblioteca central e departamento de Arqueologia e Antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, e também consultei artigos científicos em bibliotecas digitais.

A fase etnográfica foi realizada num período de 5 de Julho de 2013 a Fevereiro de 2014. Este exercício foi realizado em locais seleccionados nos arredores da cidade de Maputo, em “barracas” de esquina de bairros, eventos festivos, e em actividades desportivas no ginásio. A prática etnográfica era efectuada todos os finais de semana, especificamente as sextas-feiras e sábados a partir das 18horas e 30 minutos permanecendo a noite toda, e aos domingos a partir das 15horas. O facto de eu partilhar o mesmo espaço e conviver com os participantes permitiu compreender suas formas de reivindicação de superioridade relativamente aos outros.

Quanto a organização e análise de dados, realizei-as após terminar o trabalho de campo. Para o efeito, primeiramente analisei os dados e agrupei-os em três secções, na primeira agrupei dados sobre os lugares frequentados pelos participantes de estudo, na segunda agrupei dados sobre sua área de residência e por último agrupei dados sobre o que eles consomem. Numa segunda fase olhei para esses dados e percebi que existia uma mesma lógica nos discursos sobre o consumo, sobre os artigos de vestuário que usavam e sobre os locais onde frequentavam e aqueles que dizem não frequentar, o que permitiu-me chegar ao argumento segundo o qual, no seu quotidiano, os participantes reivindicam uma superioridade relativamente aos outros.

4.1 Selecção dos participantes de estudo

No primeiro dia que cheguei ao campo mantive contacto com seis participantes do estudo na “Esquina de contentor”. Daqueles participantes, quatro consumiam “Lite” e outros dois consumiam “2M”. Aqueles que consumiam “Lite” riam-se dos segundos porque diziam que naquele sítio onde estavam só se tomava “Lite” e que os dois estavam num lugar supostamente errado pelo facto de estarem a consumir “2M”. Diante deste facto fiquei interessado naqueles quatro que consumiam “Lite” e passei a acompanhá-los nas sessões de consumo de bebidas alcoólicas.

A partir desses quatro participantes tive acesso a outros participantes que também consumiam “Lite” e que participavam dessas sessões de consumo. Assim, segui o grupo de participantes.

Ao longo do presente trabalho uso nomes fictícios para identificar os participantes de estudo, como forma de salvaguardar sua identidade.

4.2 Técnicas de recolha e tratamento de dados

Para recolher dados durante o trabalho de campo fiz observação directa, conversas informais e entrevistas semi-estruturadas. Quanto a observação, comecei a observar os participantes na “Esquina de contentor”, local onde iniciei o estudo. Após os primeiros quatro dias de observação constatei que quando alguns participantes não estivessem na “esquina de contentor” encontravam-se na outra barraca designada “*Facebook*”, situada há mais ou menos 1 km. Nesse caso seguia-os nos locais onde estivessem e observava o que faziam, diziam e consumiam.

Durante a pesquisa nesses locais observei o que os participantes bebiam, olhava para as marcas de cerveja, o que eles trajavam, os locais onde circulavam e frequentavam. Nesse período também escutava conversas sobre os trabalhos que faziam, sobre posse de carros, roupas, relógios e dinheiro, preferência de mulheres, e algumas vezes ouvia histórias e experiências de vida.

Com base no que observara e ouvira durante as primeiras sete semanas do trabalho de campo, na oitava semana comecei a realizar conversas informais com os participantes. Durante as últimas quatro semanas do trabalho de campo comecei a realizar as entrevistas semi-estruturadas que consistiam em questões sobre a hierarquia dos lugares frequentados pelos participantes, as designações usadas para referir os espaços por eles frequentados, os vestuários usados e as marcas de cerveja consumidas.

Para registar a informação recolhida gravava as conversas e tomava notas em forma de texto no telemóvel. Chegado a casa passava as notas no meu diário de campo. Para além do registo das notas no telemóvel, fotografei os locais de estudo e os participantes para captar traços que usavam.

4.3 Constrangimentos do trabalho de campo

Ao longo do trabalho tive dois constrangimentos. O primeiro ocorreu na fase inicial do trabalho de campo quando queria aceder aos participantes no momento em que estivessem sentados em roda. Ficava com medo de aproximar-me porque temia ser visto como estranho ou intruso e também ser questionado sobre a minha proveniência e sobre o que pretendia fazer ali. Nessa situação mantinha-me há distância e via as pessoas, mas não tinha como ouvir o que eles diziam nem como conversar com eles.

Para resolver essa dificuldade num desses dias abordei João, um dos participantes de estudo, e conversei com ele. Durante a conversa expliquei-lhe que queria participar do grupo e das suas conversas porque me sentia isolado e não conhecia ninguém naquele local. Depois desse dia que conversei com João, no dia que encontrei o grupo novamente em roda, João apresentou-me aos seus companheiros e assim consegui participar das conversas e do ambiente.

O segundo constrangimento foi relativo a minha aceitação no grupo. Apesar de João ter-me apresentado aos seus companheiros, quando estivesse lá não falavam comigo, quando conversa ou fazia perguntas não me respondiam. O facto de eu só consumir refresco num grupo de pessoas que consumiam cerveja, fez de mim um alvo de piadas por parte dos participantes.

Por exemplo, um dia, observava e ouvia conversas numa esquina do bairro de Laulane enquanto consumia uma garrafa de refresco Coca-cola. Pedro, um dos participantes de estudo, viu-me e disse ao vendedor:

Tem uma caixa de refresco aí? Prepara uma caixa de refresco para esse jovem consumir tudo (a referir a mim). Porah, há tantos sítios em que se pode tomar refresco mas veio escolher justamente aqui onde eu estou? É indisciplina isso. Prepara lá teu estômago para beber uma caixa de refresco. Porah, a malta está aqui para depois chegares e tomares refresco. Tem sítios para tomar refresco. Tens que enxergar primeiro (Pedro, 28 anos, participante da esquina de contentor, morador do bairro de Laulane, 24.08.2013).

Como podemos ver neste exemplo, ao afirmar que eu devia preparar o estômago para consumir uma caixa de refresco, os participantes ridicularizaram-me pelo facto de ser o único de entre eles a consumir refresco, o que me colocava num lugar supostamente inapropriado para o consumo do mesmo.

Para resolver esse constrangimento adoptei duas soluções. Como primeira solução passei a consumir bebidas alcoólicas, como a “2M”, “Lite”, como forma de ser aceite no grupo, apesar de não ser consumidor de bebidas alcoólicas. Ao adoptar essa solução os participantes deixaram de me ridicularizar e conversavam mais comigo. A segunda solução consistiu em participar no pagamento da conta pela bebida que consumíamos. Como resultado dessa solução os participantes passaram a convidar-me a outros locais onde conviviam tais como, convites para participar em festas ou passeios. Ao frequentar esses locais consegui ter acesso a outros participantes que participavam das sessões de consumo de bebidas alcoólicas.

5. A manifestação de uma elite nas situações do cotidiano

5.1 Caracterização dos Locais da pesquisa

Nesta parte do trabalho apresento os locais onde realizei a pesquisa. Nesta explico a localização dos locais e descrevo a estrutura física e a disposição dos edifícios.

A pesquisa foi realizada numa zona de fronteira entre os bairros de Laulane e Ferroviário, e no bairro das Mahotas. Na zona de fronteira, os dois bairros são separados pela rua da Beira (figura 1). Na referida zona trabalhei em quatro locais, nomeadamente na “Esquina de contentor”, “Esquina de facebook”, “Barraca da tia Gilda”, e “Barraca da Mada Lu”. Por sua vez no bairro das Mahotas trabalhei em dois locais, nomeadamente no “Ginásio” e “Contentor de Rodrigues”.

Figura1: Zona de fronteira entre os bairros Laulane e Ferroviário.



Fonte: Laércio Sulila, Novembro, 2014

Quanto as barracas localizadas na zona de fronteira, a “Esquina de contentor” fica situada no bairro de Laulane na rua de São Pedro nº 4.399 (figura 3). A mesma funciona em um edifício de metal que possui duas janelas onde funciona o balcão. O edifício está pintado a verde. A “Esquina de contentor” dispõe de dois lados nomeadamente, o interior do quintal e o exterior

do quintal a beira da rua. No interior do quintal tem um conjunto de mesas e cadeiras e o exterior do quintal tem um passeio feito de cimento.

Figura 3: Vista de cima da “Esquina de contentor”



Fonte: Laércio Sulila, Novembro, 2014

Por sua vez, a “Esquina de facebook” está situada no entroncamento da rua da Beira e a rua nº 4.376 (figura 4), há aproximadamente 1 km da “Esquina de contentor”. O edifício da “Esquina de facebook” é feito de cimento e está pintado a branco. O mesmo tem uma varanda coberta de chapa de zinco e palha. A “Esquina de facebook” dispõe de dois lados nomeadamente, o lado interior do quintal e o lado de fora do quintal a beira da rua. No lado interior está o edifício e um conjunto de mesas e cadeiras na varanda. No lado de fora do quintal tem uma janela onde funciona o balcão.

Figura 4: Vista de cima da “Esquina de facebook”



Fonte: Laércio Sulila, Novembro, 2014

Do lado oposto à “Esquina de facebook”, ao longo da rua da Beira, existe uma fila de estabelecimentos comerciais de entre os quais um quiosque de nome “*Bik*”, seguido de um talho denominado “*Nanas meat*”, uma farmácia de nome “*Anne*”, um bar de nome “*Dulce Brai inn*” e a “Barraca da tia Gilda”.

Por sua vez, a “Barraca da tia Gilda” está localizada no entroncamento da rua da Beira e um beco sem nome (figura 5). A construção do edifício combinou cimento e metal. A parte de cimento está pintada a castanho e a parte de metal está pintada a vinho. O edifício possui três janelas e dispõe de dois lados, um lado do beco e o outro do lado da rua. Do lado do beco, o edifício possui duas janelas onde funciona o balcão. Deste lado tem bancos de aproximadamente 40 cm de comprimento e blocos de pedra com aproximadamente a mesma altura, e que são usados para as pessoas sentarem. Do lado da rua tem a outra janela onde funciona o balcão. Deste lado tem um passeio onde as pessoas mantinham-se em pé.

Figura 5: Vista de cima da “Barraca da Tia Gilda”



Fonte: Laércio Sulila, Novembro, 2014

Por fim, a “Barraca da Mada Lú” está localizada no entroncamento da rua nº 4.388 e o beco sem nome que dá acesso a “Barraca da tia Gilda” (figura 6). O edifício é feito de pedra e está pintado a azul. O mesmo possui três compartimentos, uma parte onde funciona o balcão, uma sala e uma varanda vedada a grades de ferro. O edifício possui duas janelas e dispõe de dois lados, um lado interior e o lado exterior do edifício voltado para a rua. Do lado interior tem algumas mesas e cadeiras e do lado exterior do edifício tem as duas janelas onde funciona o

balcão. Este local é mais frequentado pelos participantes em todos os domingos a partir das 8:00 horas para tomar sopas.

Figura 6: Vista de cima da “Barraca da Mada Lú”



Fonte: Laércio Sulila, Novembro, 2014

Quanto aos locais de estudo localizados no bairro das Mahotas, o “Ginásio” está localizado no entroncamento da rua de Kassuende / David Mazembe nº 4.767 e a rua nº 4.858 (figura 7). O edifício do “Ginásio” é feito de cimento e está pintado a branco. O mesmo possui um vidro enorme na parte frontal. O “Ginásio” dispõe de dois compartimentos. No primeiro compartimento funciona uma sala de ginástica e no segundo funciona uma sala de musculação.

Figura 7: Vista de cima do “Ginásio”



Fonte: Laércio Sulila, Novembro, 2014

Por sua vez, o “Contentor de Rodrigues” está localizado no entroncamento da rua de Kassuende / David Mazembe e a rua nº 4.858 (figura 8). Este contentor está situado em frente ao ginásio. O edifício é feito de metal e está pintado a amarelo e verde. O mesmo possui duas janelas e uma varanda. Na varanda tem bancos de madeira de aproximadamente 1 metro de comprimento e na parte das janelas funciona o balcão.

Figura 8: Vista de cima do “Contentor de Rodrigues”



Fonte: Laércio Sulila, Novembro, 2014

Ao longo da rua nº 4.858, para quem sai do “Ginásio”, estão localizadas três barracas nomeadamente a “Barraca de porco”, a “Barraca da Dona Ana” e o “Contentor da Zinha”.

A “Barraca de porco” está situada dentro do quintal de uma residência. O edifício é feito de cimento e está pintado a vermelho. O mesmo possui três compartimentos, uma parte onde funciona o balcão, uma sala e uma varanda. Esta barraca dispõe de dois lados, o lado interior do edifício e o lado exterior do edifício a beira da rua. Do lado interior tem uma sala que tem algumas mesas e cadeiras e do lado exterior tem uma varanda onde tem alguns bancos de aproximadamente 60 cm de comprimento.

Por sua vez a “Barraca da Dona Ana” está situada a beira da rua. O edifício da barraca é feito de cimento e está pintado a branco. O mesmo possui dois compartimentos, uma sala e uma parte onde funciona o balcão. Na sala tem um conjunto de mesas e cadeiras.

E por último, o “Contentor da Zinha” está localizado ao longo da rua. O mesmo funciona num edifício feito de metal pintado a amarelo. O edifício possui duas janelas onde funciona o balcão. No interior do contentor tem um conjunto de caixas com garrafas de vinho.

5.2 “Longe de molwenices”: os lugares frequentados pelos participantes

Nesta parte do trabalho mostro que os participantes dividem os lugares entre de “*molwenices*” e de “não *molwenices*” e frequentam os segundos em detrimento dos primeiros que ridicularizam. Ao se distanciarem e ridicularizarem os lugares de “*molwenices*” os participantes reivindicam distinção e superioridade comparativamente aos outros.

Os participantes do presente estudo designam “*molwenices*” as acções desencadeadas por pessoas consideradas malandras e ou marginais nos ambientes de convívio. A partir dos dados percebi que o facto de algumas pessoas levarem coisas alheias contra o consentimento dos respectivos donos é que faz com que tais actos sejam considerados de “*molwenices*”.

Durante a minha presença nos locais da zona de fronteira entre os bairros de Laulane e Ferroviário notei que os participantes dividem os lugares onde frequentam. A esse respeito os participantes frequentam três lugares nomeadamente, a “Esquina de contentor”, a “Esquina de facebook” e a “Barraca da Mada Lú” que consideram lugares superiores pelo facto de la conviverem, e por sua vez distanciam-se da “Barraca da tia Gilda” que consideram como de “*molwenices*”.

Os participantes frequentam os seus referidos locais às Sextas-feiras, Sábados e Domingos. Para o efeito, um deles chega ao local e através do telefone efectua chamada para um outro companheiro e informa-o sobre a sua localização, este último por sua vez efectua chamada para os outros. Assim todos se dirigem ao mesmo lugar, de acordo com a opção que os participantes fazem no dia determinado.

Depende dos dias. Há dias que enche aqui no facebook, há dias que enche na Mada Lú, há dias que enche no contentor. Depende por exemplo de um gajo. Eu posso chegar num sítio sentar, ligar para Márcio dizer que estou aqui e depois de um tempo toda a malta vir se concentrar aqui (entrevista, Osvaldo, 24 anos, participante da “Esquina de facebook”, morador do bairro de Laulane, 02.11.2013).

Este exemplo, se por um lado menciona os lugares onde os participantes frequentam, por outro lado mostra como eles se convidam para estarem nesses lugares.

Os participantes apenas estabelecem os seus encontros nas esquinas de “Contentor”, do “Facebook” e na “Barraca da Mada Lú” porque alegam ser iguais e que por isso partilham os mesmos locais. Como se pode ver na explicação de um dos participantes que justifica a frequência regular na “Esquina de facebook”.

Posso dizer que a escolha do facebook é pela lei de atracção, mano. Lá há uma lei de atracção. Nós vamos pelos mesmos princípios (entrevista, Osvaldo, 24 anos, participante da “Esquina de facebook”, morador do bairro de Lulane, 01.11.2013).

A partir do exemplo de Osvaldo sobre a atracção entre eles, percebi que os participantes convivem uns com os outros em determinados lugares por se considerarem pessoas que partilham a ideia de se distanciarem de “*molwenices*”, de consumirem “Lite” e de serem civilizados. O facto de os participantes do estudo partilharem as referidas ideias é que faz eles considerarem ter princípios similares, o que permite perceber que eles constituem um grupo distinto.

Se por um lado eles vão para os referidos lugares onde acham que são iguais uns aos outros, por outro lado ao proceder dessa maneira permitem compreender que se distanciam dos lugares que acham ser de pessoas das quais eles se diferem.

Quanto a “Barraca da tia Gilda” os participantes rejeitam e ridicularizam esse lugar. Como motivo para essa ridicularização eles consideram que a mesma é um “senta baixo”¹ por ser supostamente frequentada por pessoas marginais ou “*molwenes*”, considerados como pertencentes a cultura de baixo nível ou inferior, consumidores de “Tentação”² e pessoas sem dinheiro.

Quanto ao facto de os participantes do estudo afirmarem não frequentar a “Barraca da tia Gilda” por ser um lugar de pessoas marginais, podemos ver no exemplo a seguir.

¹ Senta baixo é uma designação usada para referir lugar frequentado por pessoas sem dinheiro, consumidores de Tentação e pertencentes a cultura de baixo nível ou inferior.

² Tentação é nome de marca de bebida considerada de preço inferior, abaixo de 20 meticais.

Bem, naqueles outros sites³ a gente está exposta demais. Do tipo, são sites maning públicos. Qualquer tipo te vê lá, estas a perceber? Do tipo, haa vi fulano ali. Também lá há *maning*⁴ merdinhas⁵, tipo molwenices, sei-lá o quê. Ya é por ai (entrevista, Paulo, 28 anos, participante da “Esquina de facebook”, morador do bairro ferroviário, 16.11.0213).

A partir do exemplo de Paulo, o facto de os participantes do estudo afirmarem que se distanciam da “Barraca da tia Gilda” por ser um lugar público e onde podem ser vistos, parece apenas um discurso. Pois, de acordo com dados de campo notei que os lugares frequentados pelos participantes tais como “Ginásio”, “Esquina de Facebook” e “Esquina de contentor” também são lugares públicos. Entretanto, esse fenómeno permite compreender que os participantes apenas usam o discurso de distanciamento dos lugares públicos para se manter distantes da “Barraca da tia Gilda” pelo facto de ser considerado “senta baixo” e de “*molwenices*”. Assim, os participantes fazem referência aos lugares de “*molwenices*” para mostra-los como inferiores em relação àqueles que os participantes consideram como de “não *molwenices*”.

Os participantes consideram os frequentadores da “Barraca da tia Gilda” como aqueles que sempre pedem algum dinheiro para comprar uma bebida ou alguma coisa de que necessitam, razão pela qual ridicularizam esse local.

Os participantes, para além de ridicularizarem a “Barraca da tia Gilda”, ridicularizam aqueles que se deslocam algumas vezes da “Esquina de facebook” para aquela barraca, mesmo que frequentem regularmente a “Esquina de facebook”. Como se pode ver numa conversa entre Josemar e Márcio.

Josemar: Hi, desde quando se fica ali na tia Gilda? Ver aquele gajo⁶ (a referir um dos participantes) na tia Gilda? Estranho isso.

Márcio: hehehehe (risos). Aquele é o jovem de orange⁷. Aquele gajo já botou umas sapatilhas cor de laranja aqui nos lados. Esse dia fazia muito sol, e aquilo brilhava para demais. É o jovem de Orange, hehehehe (risos). Aquele gajo é um mafioso só faz de conta ficar aqui, mas ali (a referir a “barraca da Tia Gilda”) é o lugar dele. Hehehe (risos) (observação, “Esquina de facebook”, 29.11.2013, 19:30 min.)

³ Site é uma palavra da língua inglesa usada para designar local ou sítio.

⁴ Maning é uma palavra usada para significar muitos.

⁵ Merdinhas é um termo usado pelos participantes para referir as acções das pessoas que aldrabam ou furtam bens alheios.

⁶ Gajo é um termo usado para designar Indivíduo ou pessoa.

⁷ Orange é um termo da língua inglesa que significa laranja, e que os participantes usam para referir um traje a cor de laranja.

O jovem de Orange a que Márcio se referia era uma pessoa que frequentava a “Esquina de facebook”, e dos três dias que o vi neste local consumia “Lite” e num outro dia consumia “2M”. Apesar de ele frequentar a “Esquina de facebook” e consumir “Lite” em alguns dias, esse facto é insuficiente para que ele escape das ridicularizações por parte do grupo de Márcio. O que reforça a ideia de que os participantes se distinguem daqueles que frequentam a “barraca da tia Gilda”.

A partir dos dados percebi que os participantes promovem uma distinção dos lugares onde convivem. Essa distinção opõe por um lado o grupo deles que se consideram cultos e por outro, aqueles que consideram “*molwenes*”. Por isso, ao manterem-se distantes da “barraca da tia Gilda” eles estão a manter-se longe de “*molwenices*”.

Um dos critérios mencionados refere que os participantes se distanciam da “Barraca da tia Gilda” pelo facto de ser frequentado por pessoas sem dinheiro. Se por um lado os participantes dizem distanciar-se deste lugar por ser daqueles que não tem dinheiro, por outro lado essa divisão de lugares não parece estar muito relacionada com as razões que os participantes explicam. Como se pode ver na afirmação de Osvaldo.

Não gramo⁸ de misturar-me com aqueles gajos (a referir os participantes que estavam na “Barraca da tia Gilda”), tipos que vivem sempre a pedir (observação, Osvaldo, 24 anos, participante da esquina do facebook, morador do bairro de Laulane, 23.11.2013).

O trecho de Osvaldo permite compreender que ao considerarem a “Barraca da tia Gilda” como um lugar daqueles que não têm dinheiro, Osvaldo e os seus associados consideram-se como aqueles que têm dinheiro. Se por um lado a afirmação de Osvaldo leva a pensar que o facto de se distinguir daqueles outros tem a ver apenas com dinheiro, por outro lado analisados outros dados que tenho notado que esse argumento de dinheiro é problemático. Pois, diversas vezes Osvaldo e seus companheiros iam para as “Esquinas de contentor”, do “Facebook” e “Barraca da Mada Lu” sem dinheiro, e pediam uns aos outros incluindo a mim. Essa situação mostra que mesmo quando eles não têm dinheiro eles continuam a frequentar as suas referidas barracas e não a “Barraca da tia Gilda” que é lugar dos que consideram não ter

⁸ Gramo é um termo usado para significar o verbo gostar.

dinheiro. Assim, os participantes usam o discurso de ter dinheiro para reivindicar serem superiores em relação aos outros que frequentam a “Barraca da tia Gilda”.

A partir dos resultados desta secção percebi que os participantes dividem os lugares entre de “molwenices” e os de “não molwenices”. Os lugares de “molwenices” são considerados negativos e associados a pessoas supostamente inferiores em virtude de serem considerados sem dinheiro, marginais, consumidores de tentação. Ao se distanciarem desses lugares de “molwenices” e frequentarem os lugares de “não molwenices” os participantes reivindicam distinção e superioridade.

O facto de os participantes distinguirem os lugares frequentados assemelha-se parcialmente as conclusões alcançadas por Sousa (2004) e Pelissari (2012), para quem existem lugares frequentados por grupos socialmente relevantes da sociedade, como clubes, casas de festas, associações, bailes onde partilham as mesmas redes de negócios, trabalhos ou relações profissionais e que ficam conhecidos como lugares frequentados pela elite. Entretanto, neste trabalho se por um lado mostro que no dia-a-dia os participantes dividem os lugares entre de “molwenices” que são rejeitados por serem considerados inferiores, em oposição aos de “não molwenices” tidos como superiores e onde os participantes frequentam, por outro lado esse facto permite-me perceber que diferentemente de Sousa (2004) e Pelissari (2012), os participantes do estudo, ainda que nos lugares comuns do dia-a-dia e que não são conhecidos como da elite, distinguem lugares entre superiores, por eles frequentados, e inferiores dos quais se distanciam.

5.3 Espanha: a zona dos “civilizados”

Nesta parte do trabalho mostro que os participantes distinguem-se como superiores aos outros pelo facto de afirmarem residir numa zona denominada Espanha, que é tida como civilizada comparativamente as áreas residenciais próximas denominadas México e Holanda e que são consideradas de marginais.

Espanha é um nome usado para designar uma área cujo raio abrange a zona de fronteira entre os bairros de Laulane e Ferroviário, onde residem e convivem os participantes do estudo. A

designação de Espanha, segundo a explicação dos participantes, foi atribuída pelo Dimas, uma pessoa já falecida.

Quem deu esse nome de Espanha é um falecido. O Dimas. Se ele ainda estivesse vivo haverias de gostar maning dele. Ele era muito social. Ele era social. Ele era meu amigo de verdade (entrevista, Márcio, 28 anos, participante da “Esquina do facebook”, morador do bairro Ferroviário, 04.10.2013).

Segundo contaram, o nome Espanha começou a ser usado para referir a zona de fronteira, onde os participantes residem, pelo facto de estar distante da cidade de Maputo.

Na verdade, de acordo com o rei, o dono da Espanha, o falecido. O dono da Espanha é Dimas. Ele disse enquanto estava vivo: eu estou na cidade, vocês fiquem na vossa Espanha. Assim mesmo nasceu o nome Espanha. Sabe porque é que ele disse isso? É do tipo Espanha é um sítio longe. Foi isso que ele estava a transmitir (entrevista, Josemar, 28 anos, participante da “Esquina do facebook”, morador do bairro Ferroviário, 19.10.2013).

A partir das explicações dos participantes é possível compreender que eles apropriaram-se do nome supostamente atribuído pelo Dimas e usam-no para referir a zona onde residem e para distingui-la das zonas mais próximas como as da parte interior dos bairros de Laulane e Ferroviário que são designadas México e Holanda respectivamente.

Para os participantes do estudo eles são pessoas civilizadas que se reúnem regularmente para divertirem-se e consumir cerveja.

Mano deixa-la explicar-te o que é Espanha. Espanha é a zona suburbana onde nós demos um nome. Estas a perceber? Espanha é uma cidade que nós criamos. Mano Espanha. Nós somos espanhóis sabes por quê? Porque nós vivemos na zona suburbana, mas nós somos civilizados acima de tudo. Na Espanha, nós somos espanhóis independentemente da nossa condição social. Espanha é nosso lar mano. É como se cada um de nós dos espanhóis tivesse um certo documento que diz, eu sou espanhol. Espanhóis é um grupo de pessoas que se encontram, tomam uma cerveja, fazem isso, fazem aquilo. Espanha é aqui, é ali, é isso tudo aqui (entrevista, Osvaldo, 24 anos, participante da “Esquina do facebook”, morador do bairro de Laulane, 26.10.2013).

A partir da explicação de Osvaldo percebi que os participantes descrevem-se como civilizados, e pelo facto de residir na Espanha consideram-na um espaço residencial de pessoas civilizadas.

Ao longo do trabalho de campo notei que alguns participantes diferenciam a zona da Espanha em duas partes. Estes participantes distinguem uma Espanha verdadeira e original de uma outra Espanha que não é verdadeira. Esta diferenciação envolveu uma pequena parte do bairro Ferroviário e a outra do bairro de Laulane. Nessa diferenciação os participantes do bairro Ferroviário tende a identificar sua área como verdadeira Espanha, porque a designação de Espanha foi atribuída pelo Dimas, pois quando estava vivo, residia naquela zona e também por acreditarem que as suas formas de diversão eram as melhores comparativamente as dos outros.

Por sua vez os participantes do bairro de Laulane não acham relevante o facto de a designação de Espanha ter sido atribuído pelo falecido Dimas, e consideram Espanha como um lar único onde se reside e convive de forma coesa.

Oswaldo: Espanha para todo gajo aqui da zona é isso tudo mano (a apontar a área de Laulane e Ferroviário). Não há nada de divisão aqui. Espanha é isso.

Márcio: ohoo, maluco. Espanha é Laulane? Esse nome da Espanha quem deu foi Dimas, e deu aonde?

Oswaldo: wa hembra.

Márcio: está querer negar o quê, meu amigo?

Oswaldo: mano, estás aonde agora? Estás na Espanha ou não?

Márcio: eu estou em Laulane.

Oswaldo: heheenn! Sabe? Eu as vezes ligo para esse gajo (a referir Márcio) e pergunto estás aonde? Ele diz, eu estou na Espanha. Eu digo Espanha exactamente aonde? Ele diz no facebook. Hoje ele está com medo de admitir que está em Laulane (observação, “Esquina de facebook”, 26.10.2013, 20:00 horas).

A partir da conversa entre Márcio e Oswaldo percebi que, de entre os participantes, alguns da área do bairro Ferroviário acham-se exclusivamente espanhóis relativamente aos outros da área do bairro de Laulane. Estes, por sua vez, também se acham espanhóis apesar de não residirem na mesma zona onde Dimas residia. Ao proceder dessa maneira, tanto uns como outros consideram-se distintos e superiores em relação aos que não residem na Espanha e que não são civilizados.

Se por um lado os participantes do presente estudo consideram-se espanhóis e civilizados, por outro lado eles consideram as pessoas que residem nas outras zonas próximas designadas México e Holanda como pessoas marginais, o que reforça a ideia de eles reivindicarem distinção e superioridade relativamente aos outros. Como podemos ver no exemplo a seguir.

Márcio: lá é México.

Eu: porquê México?

Márcio: lá há maning distúrbios e marginais.

Márcio: Zefanias é um outro brada, vive na Holanda, mas foi espanhol.

Eu: Holanda? Como assim? Porquê?

Márcio e Zefanias (responderam simultaneamente): - ahaaa, lá é mato, Guava lá.

Zefanias: ya, eu estou lá, mas na Espanha é que se brinca mano (observação, “Esquina de facebook”, 08.11.2013, 19:15 min).

A partir da conversa entre eu, Márcio e Zefanias percebi que os participantes atribuem a designação de México porque de acordo com as informações que têm eles associam este país a elevadas práticas de criminalidades, o que faz com que seja visto como negativo, e justifica o facto de considerarem essas zonas como de marginais. Por exemplo, um dia conversava com Osvaldo, há cerca de 19 horas na “barraca da “Mada Lú”, e num determinado momento ao longo da conversa ouvimos gritos, há aproximadamente 800 metros daquela barraca. Perguntei a Osvaldo sobre o que teria acontecido e ele respondeu:

É México mano, é normal violarem alguém, ouvir tiros. (Osvaldo, 24 anos, participante da “Esquina do facebook”, morador do bairro de Laulane, 29.11.2013).

A partir desta explicação de Osvaldo percebi que os participantes atribuem o nome de México às zonas próximas por considerarem como zona frequentada por pessoas supostamente criminosas ou marginais.

Por sua vez os participantes atribuem a designação de Holanda como forma de ridicularizar as outras zonas porque de acordo com o conhecimento que possuem sobre o mapa europeu, a Espanha é um território maior em relação a Holanda, e neste caso inferiorizam as zonas próximas de acordo com essa simbologia do espaço. Entretanto, com base em dados analisados sobre o espaço, notei que no contexto estudado a Espanha, que é a zona de fronteira, é menor relativamente ao espaço designado Holanda que comporta a zona interior do bairro Ferroviário. Eles apenas usam a ideia de Espanha como espaço relativamente maior para sustentar o discurso da Espanha como relativamente superior as outras zonas.

A partir dos resultados desta secção percebi que os participantes usam o discurso de residência a um espaço denominado Espanha que é considerado civilizado, para reivindicar

serem distintos e superiores em relação aos outros que residem nas zonas mais próximas designadas México e Holanda consideradas de marginais.

Esta conclusão assemelha-se em parte a ideia de Silveira (2006) para quem existe um processo de territorialização de elite, em que os grupos que atingem alto grau de posição sócio económica e pensamento hegemónico procuram instalar-se em zonas específicas consideradas de conforto e qualidade satisfatória, marcando assim uma segregação espacial, como por exemplo a concentração num determinado espaço de condomínios. Entretanto, diferentemente da conclusão de Silveira (2006), o facto de os participantes do presente estudo usarem o discurso de residência a um espaço tido como civilizado em oposição as zonas mais próximas consideradas de marginais mostra que eles estabelecem uma forma de territorialização que se manifesta em termos de discursos e reivindicação de valores, do que em termos de infraestruturas construídas caracterizadas por um conjunto de residências específicas.

5.4 Uma busca infundável pelo novo: reivindicação de superioridade a partir das práticas de consumo

Nesta parte do trabalho mostro como os participantes reivindicam superioridade em relação aos outros a partir do consumo de marcas de cerveja mais recentes e caras em relação as bebidas já existentes e mais baratas no mercado, e uso de determinadas roupas, calçados e relógios.

Durante o trabalho de campo percebi que os participantes consumiam a cerveja “Lite”, como forma de expressar um padrão de consumo que permitisse distinguir a eles dos outros que consumiam outras marcas como a “2M”. Assim, ao consumirem “Lite” os participantes usam discursos de distinção a partir dos quais expressam-se como superiores relativamente aos outros.

No domingo do dia 22 de Setembro de 2013, enquanto fazia observação de campo na “Esquina de contentor” a beira da rua, vi um grupo de sete participantes de estudo em fila no balcão a conversar. Dos quais Tchaina, Beto, Zito, Niquice, Alfredo, Daniel e Victor. No

tabuleiro do balcão, havia sete latas de cerveja “Lite” próximo destes, e mais duas garrafas e uma lata vazia do outro lado do tabuleiro.

À beira da rua estava um outro grupo de sete participantes sentados em cadeiras plásticas de cor branca, posicionadas em forma de circunferência. No meio desta, estavam duas caixas plásticas portáteis. Todos os participantes tinham uma garrafa de “Lite” na mão e, apenas um deles consumia “Castle lager”.

Same, um dos participantes que estava sentado levantou-se e caminhou em direcção ao lado interior do quintal da “Esquina de contentor”, nesse percurso cruzou com dois participantes que seguravam na mão copos e garrafas de “2M” respectivamente.

Same disse (em voz alta): vocês ainda tomam isso? “Lite”. Nós somos da “Lite”. É só “Lite”. Aaah, porquê vocês não mudam isso. Mudem lá isso.

Um dos participantes: aaahh, você diz isso só porque está a tomar “Lite” e nós “2M”? É assim mesmo? (observação, “Esquina de contentor”, 10.08.2013, 20:30 min).

O facto de o Same perguntar se aqueles dois ainda consumiam “2M” enquanto que eles consomem “Lite”, permite perceber a ideia segundo a qual os dois participantes continuam no consumo da mesma marca, “2M”, enquanto que Same e os seus companheiros já ultrapassaram o consumo da mesma. Assim, o facto de o Same e seus companheiros consumirem “Lite”, uma nova marca de cerveja, consideram-se actualizados e adiantados, comparativamente aos outros dois que estão ultrapassados por continuarem no consumo da “2M”.

Além dos participantes considerarem-se avançados no consumo da cerveja, em relação aos outros que são supostamente atrasados por continuar no consumo da “2M”, estes últimos também são tidos como consumidores de coisas vulgares, porque essa marca está no mercado há muito tempo e todas as pessoas supostamente consomem. Como se pode ver numa conversa com Edson.

Eu: sexta-feira, o que se faz? Não vão umas 2M ai?

Edson: hei, eu não vou com coisas que todo gajo tem. Cenas vulgares, não é comigo.

Eu: ok! E os teus amigos, o que bebem quando estão juntos?

Edson: bebem “2M”, “Lite”.

Eu: assim, quer dizer que eles são vulgares?

Edson: não, eu não disse que eles são vulgares por beber. Eu só não gosto. A bebida é que é vulgar. Coisa vulgar para mim, é uma coisa que está cheio meu irmão. Eu agora bebo “Heineken”, minha cerveja é “Heineken”, mas a cena que eu alterno, é “Lite”. É uma cerveja light⁹, também é leve.

Eu: é menos vulgar?

Edson: agora por causa da promoção, está maning vulgar, mas normalmente não é vulgar aquela cerveja (observação, “Ginásio”, 28.09.2013, 18:20 min).

Este trecho mostra que Edson considera o consumo da “2M” como sendo vulgar, em oposição ao consumo da “Lite” e “Heineken” que considera como não vulgar. Assim a conversa com Edson permite perceber que ele faz uma distinção entre consumidores de cerveja vulgar e os consumidores de cerveja não vulgar. Se por um lado Edson promove esta distinção e recusa a consumir cerveja vulgar, por outro lado ele demonstra que os consumidores de cerveja não vulgar são considerados superiores relativamente aos consumidores de cerveja vulgar que são considerados inferiores.

Para além deste exemplo, com base nas conversas que tinha com os participantes sobre suas histórias de consumo da cerveja percebi que ao longo do tempo eles sempre foram consumindo diferentes marcas de cerveja. Por exemplo percebi que eles começaram a consumir a cerveja “2M” e nessa altura desprezavam as outras marcas tais como “Tentação”, “Boss” “Raiz”, e ridicularizavam as pessoas que consumiam essas marcas. Num outro momento, os participantes se distanciaram do consumo da “2M” e começaram a consumir a “Laurentina preta”, e nesta altura ridicularizavam aqueles que consumiam “Raiz”, “Manica” e “2M”. Num outro momento os participantes distanciaram-se do consumo da “Laurentina preta” e começaram a consumir a “Heineken”, onde por sua vez ridicularizavam aqueles que consumiam “Raiz”, “Manica”, “2M” e “Laurentina preta”.

A partir destas histórias que ouvia, percebi que os participantes consomem as marcas de cerveja mais recentes no mercado e afastam-se do consumo das marcas de cerveja que já existiam anteriormente. Pois, na fase em que fazia o estudo notei que a “Lite” era a marca de cerveja mais recente. E através da prática de consumo desta marca manifestam distinção relativamente aos outros.

Assim, para além do consumo das marcas de cerveja mais recentes, os participantes consomem as mais caras como um critério para se diferenciar e restringir as suas práticas de

⁹ Light é um termo da língua inglesa usado para significar leve

consumo no meio social onde convivem. Como mostra uma conversa com Valério quando questionado sobre o assunto enquanto consumia a “Lite”.

Eu: essa é sua cerveja preferida (a referir a “Lite” que Valério consumia)?

Valério: sim.

Eu: vejo que muitas pessoas aqui consomem “2M”, e tu não consumes?

Valério: eu? Não. “2M”? Essa barata que anda por aí com qualquer gajo? Não tomo essas coisas (entrevista, “Contentor de Rodrigues”, 20.09.2013, 19:40 min).

Neste exemplo, se por um lado Osvaldo considera consumir a “Lite” por ser cara relativamente a “2M” que supostamente toda a gente consome, por outro lado esse argumento de consumir cerveja mais cara pode ser insuficiente para mostrar que ele se distingue exclusivamente por causa do preço. Pois, de acordo com dados analisados sobre o “Contentor de Rodrigues” onde Valério estava, a “Lite”, a “Hansa” e a “2M” custavam o mesmo preço, o que permite pensar que, mais do que considerar o preço, o interesse dos participantes é reivindicar superioridade comparativamente aos outros.

A semelhança das diferenciações que os participantes estabeleciam ao longo do tempo através das outras marcas de cerveja tais como “2M”, “Laurentina preta” e a “Heineken” conforme as suas histórias de consumo, constatei que os participantes também adoptam critérios de diferenciação no consumo da “Lite”. Pois, durante o trabalho de campo notei que os participantes começaram a consumir “Lite” em garrafa, mas depois de um determinado tempo distanciaram-se do consumo desta e passaram a consumir “Lite” em lata distinguindo-se daqueles que consumiam “Lite” em garrafa. Como se pode ver numa conversa com Amosse.

Eu: porquê tens que tomar a lata em vez de continuar com a garrafa?

Amosse: eu não gramo maning a garrafa eu gosto de lata.

Eu: mas porquê?

Amosse (respondeu aos risos): aah, essas são coisas que não se dizem, também você não é da Espanha, não entendes. Nós estamos noutra level¹⁰ (entrevista, “Esquina de contentor”, 05.10.2013, 15:00 horas)

Uma outra conversa entre Dércio e Lino permitiu perceber que os participantes tendem a diferenciar o consumo da “lite” em garrafa do consumo da “lite” em lata porque a primeira tem efeitos supostamente negativos e os participantes deixaram de gostar.

¹⁰ Termo inglês que significa nível

Décio: haa, não gosto. É pesado¹¹ (a referir a “Lite” em garrafa).

Lino: não, não é pesado nada. Eu tomo “Lite” bem (a referir a “Lite” em garrafa).

Décio: nada, é pesado. A lata é leve (observação “Contentor de Rodrigues”, 15.11.2013, 16 horas).

Com base nas conversas dos participantes, se por um lado Décio afirma que a “Lite” em garrafa é pesada e que já não gosta, enquanto que Lino discorda e afirma que consome a “Lite” em garrafa, por outro lado percebi que a explicação segundo a qual a “Lite” em garrafa é pesada e que os participantes já não gostam, parece apenas um discurso. Pois, percebi que os participantes passaram a consumir “Lite” em lata e nesse processo usam discursos de distinção que consistem em considerar a “Lite” em garrafa como relativamente negativa e que por isso se distanciam do seu consumo.

Passados quatro meses, notei que os participantes passaram a consumir a “Lite” em garrafa e em lata consideradas originais e se distanciam do consumo da “Lite” que não é original. Neste caso, os participantes consideram original a “Lite” importada da África do Sul ou Swazilândia. Para identificar a “Lite” original daquela que não é original, os participantes olham para uma marca em forma de pequeno círculo estampado na parte inferior do recipiente de lata ou garrafa. A referida marca de forma circular apresenta um diâmetro de dois centímetros no caso da “Lite” considerada original e cerca de três centímetros e meio no caso da “Lite” considerada não original, conforme ilustra a seguinte figura.

¹¹ Pesado é um termo usado para designar a bebida que provoca má disposição como dores de cabeça e estômago.

Figura 7: do lado esquerdo está indicada a “Lite” sul-africana considerada original e do lado direito está indicada a “Lite” não original.



Fonte: Laércio Sulila, Novembro, 2013

Nesta imagem a seta do número um do lado esquerdo indica a pequena marca circular que identifica a “Lite” original enquanto que a seta do número dois do lado direito indica a marca circular relativamente maior que identifica a “Lite” não original, como se pode ver na conversa com Victor Valério e o vendedor.

Valério: não vamos discutir. Essa “Lite” não é original (a referir a “Lite” que o vendedor tinha a venda).

O vendedor: eu não estou a discutir, mas não deixa de ser “Lite”.

Eu: afinal, como é que se pode ver se é “lite” daqui ou sul-africana?

Valério: olha para a lata, tem uma bolinha diferente dessas (a apontar a parte da lata que pegou do balcão). A garrafa também tem diferença.

Victor (disse para o vendedor): tira lá uma lata para eu poder lhe mostrar.

Valério (disse segurando a lata e a apontar a parte referida): ta ver essa bolinha? Na “Lite” sul-africana vem uma bolinha pequena, não dessa forma. Presta bem atenção (observação, “Contentor de Rodrigues”, 08.03.2014, 17:30 min).

A partir da conversa entre eu, Victor, Valério e o vendedor é possível compreender que os participantes afastaram-se do consumo da “Lite” que não é original e passaram a consumir a “Lite” com base no critério da originalidade, e ao procederem dessa maneira eles distinguem-se dos outros que consomem simplesmente “Lite” em garrafa ou em lata sem olhar para o referido critério.

Assim os participantes passam a consumir a “Lite” estrangeira e ridicularizam aqueles que consomem a “Lite” considerada nacional e relativamente mais barata.

Eu: e vocês? Não tomam “Lite” (a referir Victor e Zito)?
Victor e Zito (disseram em simultâneo): - haa, a “Lite” é basta.
Eu: mas, porquê o dizem? Basta porquê?
Victor: a “Lite”, haa todo gajo bate. Os dois gargalharam em simultâneo.
Zito: nós sabemos que era 3/100 apareceu de repente, mas “lite” eh pah, morreram 3/100, mesmo assim o gajo bate. O gajo continua. Os dois gargalharam.
Victor: se calhar até podem dizer 3/90. Ta ver Marracuene, 2M era 3/90. Marracuene e Maxaquene 3/90, 2M. Sabe? Agora é que eu estou a ver que essas 2M pequenas estão 3/100. Não sabia.
Zito: essa vai perder mercado.
Victor: vai perder. Não é por mal pessoal, na minha concepção é que a beer¹² de fora tem qualidade.
Zito: ya, só que essas “Lites” aqui, não são de qualidade.
Victor: haa, essa “Lite”, não são, haa, esquece. Sabes? Eu não bebo aquilo ali (observação, “Esquina de contentor, 28.02.2014, 20:30 min).

A partir da conversa entre eu, Victor e Valério percebi que os participantes consomem a “Lite” que consideram estrangeira, supostamente importada da África do Sul, e por sua vez ridicularizam o consumo da “Lite” mais barata e que não é estrangeira.

Com base nesses dados sobre o consumo da cerveja percebi que os participantes, ao longo do tempo, tendem a consumir marcas de cerveja mais recentes e caras e ridicularizam aqueles que consomem as marcas que já existem há mais tempo no mercado e que são mais baratas, o que reforça a ideia de que eles reivindicam distinção e superioridade relativamente aos outros.

Quanto ao consumo de artigos de vestuário percebi que os participantes reivindicam o uso de roupas, calçados e objectos de enfeite como relógios provenientes do estrangeiro e considerados de marca original. Essa reivindicação tem em vista garantir que os participantes permaneçam distintos entre as demais pessoas do seu contexto social.

Mano estou a te dizer, o fato que eu usei, há um gajo que perguntou, ouve-la, onde é que compraste aqui em Maputo? Um terrível mano. Sabes aonde e por quanto? Eu apanhei por 1250 rands tudo, saiu a 3600. Estou a te dizer (observação, Dércio, 28 anos, participante do “Ginásio”, morador do bairro das Mahotas, 08.11.2013).

Na mesma tendência de consumo, Valério afirmou:

¹² Beer é uma palavra da língua inglesa usada para designar cerveja

Sinta-lá o peso. Este relógio (a referir o relógio que trajava no pulso) você pode por na água, mas água não entra. Viste? Esse vem de Durban. Não são coisas daqui de Moçambique, piratas só (conversa informal, Valério, 29 anos, participantes do “Contentor de Rodrigues”, morador do bairro das Mahotas, 25.11.2013).

Estes trechos mostram que ao adoptarem o uso de artigos de vestuário como roupa, objectos de enfeite como relógios provenientes do estrangeiro, os participantes apresentam-se como um grupo que se difere das outras pessoas que usam roupas compradas em moçambique.

Quando questionados sobre suas práticas de uso da indumentária de origem estrangeira, os participantes defendem não querer usar artigos de roupa, calçado ou adornos semelhantes aos que tantas outras pessoas do seu contexto social usam. Como podemos ver no exemplo a seguir.

É única a cena¹³ (a referir o casaco que trajava). Não encontras com milhões de pessoas aqui. Mano, vou-te dizer uma cena, eu já não gramo de sapatilhas, essa coisa de malta “nike” sei lá quanto. Mas há um par de sapatilhas que eu quero porque quero, essas sapatilhas não vou encontrar aqui. Já não tem sapatilhas “adidas” originais aqui. Tu não apanhas. No Mica é mentira é tudo pirata. Mano, eu quero umas “adidas” que tem a cara de Bob Marley aqui (a apontar o lado do pé direito), (conversa informal, Dércio, 28 anos, participante do “Ginásio”, morador do bairro das Mahotas, 22.11.2014).

A partir do exemplo de Dércio percebi duas coisas. A primeira é o facto de o Dércio afirmar que o casaco que usa não é encontrado com muitas pessoas senão por ele, o que permite-me perceber que os participantes consideram-se usar roupas ou calçados que apenas eles têm acesso exclusivo em relação aos outros. A segunda coisa é que ao afirmar que já não se apanha sapatilhas originais aqui (a referir no mercado nacional), permite-me perceber que os participantes diferenciam-se dos outros pelo uso de calçados originais em relação aos calçados pirateados.

Ao estabelecerem estas formas de consumo, os participantes apresentam-se com a capacidade de ter acesso daquilo a que a maioria das pessoas não tem. Como se pode ver na expressão de Hélio entre outros companheiros, durante a interacção na barraca.

¹³ Cena é um termo em calão usado para designar coisa.

He pah, vais estragar meu corte (a referir um dos participantes que o tocou na cabeça), ninguém tem aqui, esse corte é da Finlândia (observação, Hélio 28 anos, participante da “Esquina de facebook”, morador do bairro Ferroviário, 26.10.2013).

Apesar de Hélio nunca ter viajado para a Finlândia, segundo alguns dados analisados, o exemplo de Hélio permite perceber que a partir destes discursos e práticas os participantes colocam-se acima das outras pessoas do seu contexto no que refere ao acesso e uso de adornos e estilos da moda.

Com base nesses dados sobre o consumo de artigos de vestuário, notei que, se por um lado os participantes reivindicam o uso de roupas, calçados considerados originais e que acedem de modo exclusivo, por outro lado ao assumirem que apenas eles têm esse acesso em detrimento das outras pessoas que consideram usar coisas pirateadas, os participantes apresentam-se como distintos e superiores em relação a tais pessoas do seu contexto social.

A partir dos resultados desta secção percebi que os participantes consomem as marcas de cerveja mais recentes e caras em relação as bebidas mais antigas e baratas no mercado, assim como usam roupas, calçados e objectos de enfeite como relógios provenientes do estrangeiro e que apenas eles consideram aceder de modo exclusivo, como forma de reivindicarem distinção e superioridade em relação as outras pessoas do seu meio de convivência.

Esta conclusão assemelha-se a explicação de Sumich (2008) que defende que a forma como as pessoas se apresentam e o consumo exercem influência considerável na expressão de posições de domínio. Assim, o facto de as pessoas apresentarem-se com base no consumo de bens de prestígio- automóveis, roupas ocidentais- constitui um factor crucial para a expressão de modernidade e de poder social. Ainda a par desta conclusão, Shore (2002) argumenta que para um grupo constituir-se como elite, desenvolve em primeiro lugar, seu próprio jogo de interesses particulares, normas e práticas para diferenciar a si das massas. Entretanto, diferentemente de Sumich (2008) que centra-se apenas no consumo de bens de prestígio tais como automóveis e roupas ocidentais, para os participantes do presente estudo, no seu quotidiano, a tónica dominante é a busca infundável pelas marcas de cerveja mais recentes, e caras, assim como vestuários provenientes do estrangeiro e a que eles consideram aceder de modo exclusivo, o que constitui uma forma de expressarem permanentemente superioridade em relação aos outros.

6. Conclusão

O presente trabalho analisou o processo de reivindicação de pertença a uma elite no dia-a-dia, a partir de práticas de consumo e discursos sobre pertença entre um grupo de participantes de estudo na cidade de Maputo. As elites têm sido analisadas a luz de três perspectivas. Uma primeira perspectiva considera elites apenas aqueles que estão no topo das organizações administrativas, e os que a eles estão associados (Hanlon e Mosse 2010; Sumich, 2008), uma segunda perspectiva considera elites como aqueles que estão no topo dos organogramas das organizações burocráticas (Cruz 1990; Coradini, 1997; Lisboa et al 2006; Martin 2008). E uma terceira perspectiva que considera elites como um grupo de pessoas que se apresentam como superiores comparativamente aos outros no contexto social onde se encontram (Evers, 2002).

Se por um lado as duas primeiras perspectivas permitem compreender elites no contexto dos organogramas e organizações, por outro lado perdem de vista elites que se estabelecem no quotidiano, fora da lógica de estrutura administrativa e ou burocrática. Entretanto, diferentemente das duas primeiras, a terceira perspectiva permite compreender elites para além dessas organizações, o que abre espaço para compreender elites no quotidiano.

A recolha de dados etnográficos desenvolveu-se em espaços de convivência seleccionados de três bairros nomeadamente, Lulane, Ferroviário e Mahotas, e consistiu na observação das situações de convívio entre os participantes de estudo e em conversas informais com estes.

Os dados permitiram compreender que os participantes do presente estudo dividem os lugares entre de “molwenices” e os de “não molwenices”. Os lugares de “molwenices” são considerados negativos e associados a pessoas supostamente inferiores em virtude de serem considerados sem dinheiro, marginais e consumidores de “Tentação”. Ao rejeitarem esses lugares de “molwenices” e aderirem os lugares de “não molwenices” os participantes mostram-se distintos e superiores.

Para além desse facto os participantes usam o discurso de residir num espaço denominado Espanha, considerado civilizado, como forma de reivindicar serem distintos e superiores em relação aos outros que residem nas zonas mais próximas designadas México e Holanda, consideradas de marginais.

Os participantes consomem as marcas de cerveja mais recentes e caras em relação as outras bebidas mais antigas no mercado, e usam roupas, calçados e objectos de enfeite como relógios provenientes do estrangeiro e que apenas eles consideram aceder de modo exclusivo, como forma de expressarem distinção e superioridade em relação as outras pessoas do seu meio de convivência.

Com base nestes resultados constatei que o grupo de participantes de estudo, no seu quotidiano, reivindica a pertença a uma categoria superior em relação aos outros. Essa reivindicação é expressa no discurso de pertença a um espaço residencial denominado Espanha, e que é tido como civilizado comparativamente a outras áreas de residência próximas, tidas como de marginais; no consumo de marcas de cerveja mais recentes e caras, em relação as outras bebidas existentes no mercado e mais baratas, e no uso de roupa, calçado e objectos de enfeite como relógios provenientes do estrangeiro e considerados originais, e a que eles acedem de modo exclusivo em detrimento das outras pessoas. O facto de os participantes do estudo reivindicarem essa superioridade permite considerar que eles fazem parte de uma elite.

A forma como conduzi o presente estudo olhando para o facto de os participantes disporem de práticas de consumo e discursos sobre pertença, por meio dos quais reclamam uma categoria superior relativamente aos outros, permite compreender como podemos encontrar elites no quotidiano, para além das perspectivas de análise dominantes que ao reflectirem sobre elites centram-se apenas no contexto das lideranças administrativas (Hanlon e Mosse 2010; Sumich, 2008) e no topo da estrutura das organizações burocráticas (Cruz 1990; Coradini, 1997; Lisboa et al 2006; Martin 2008). Os resultados do estudo permitem reforçar a perspectiva que defende elites como um grupo de pessoas que se apresentam como superiores comparativamente aos outros no contexto social onde se encontram (Evers, 2002).

O presente estudo é um projecto de pesquisa com um carácter exploratório. Por isso assumo que existem vários aspectos que não pude aprofundar durante a realização do mesmo, e que podem ser aprofundados em futuras pesquisas, de entre os quais se procure pesquisar como os outros jovens considerados molwenes, que não consomem “Lite” e que não residem no local denominado Espanha reconhecem o grupo dos jovens que reivindicam a pertença a elite.

Referências

Borges, Maria Paula de Almeida. (2007). “Identidade pessoal, social e profissional”, in: *Professores: imagens e auto imagens*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências da Educação

Cruz, Manuel Braga da. (1990). “A participação Política da juventude em Portugal- as elites Políticas Juvenis”, *Análise Social*, 25 (105-106): 223- 249

Coradini, Odaci Luís. (1997). “Grandes famílias e elite profissional na medicina do Brasil”, *Historia, Ciências, Saúde*, III (3): 425-466

Daloz, Jean-Pascal. (2003). “Big Men” in Sub-Saharan África: how elites accumulates positions and resources”, *Comparative Sociology*, 2 (1): 271-285

De Brito, Wanderley Azevedo. 2008. ”Teorias e tendências da antropologia”. In: *Antropologia cultural - cursos de administração*. Goiânia: FASAM

Evers, Sandra J. T. M. (2002). “The construction of elite status in the extreme Southern highlands of Madagascar”, in: Cris Shore & Stephan Nugent. *Elite Cultures: anthropological perspectives*. London: Routledge. ASA Monographs N° 38

Freitas, Eduardo de. (1970). “Algumas notas sobre a “teoria das elites”, *Análise social*, 13 (30-31): 519-527

Guerra, Renata de Sousa. (2010). *Dimensões do consumo na vida social*. Dissertação para a obtenção de grau de Doutor em Sociologia da faculdade de Ciências Humanas na Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte: FAFICH

Hanlon, Joseph, e Mosse, Marcelo. (2010). *Mozambique’ Elite- finding its way in a globalized world and returning to old development models*. UNU-Wider

Lisboa, Manuel et al. (2006). “Participação das mulheres nas elites políticas e económicas no Portugal Democrático”, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, (18): 163-187

Machado, Nuno Miguel Cardoso. (2012). “Karl Polanyi e o “Grande debate” entre os substantivistas e formalistas na antropologia económica”, *Economia e Sociedade*, 21 (1): 165-195

Machado, José Pedro; Matos, Joaquim Guilherme de; Henriques, José Neves. (1992). *Dicionário Enciclopédico*. Lisboa: Alfa.

Martin, Monique de Saint. (2008). “Da reprodução às recomposições das elites: as elites administrativas, económicas e políticas na França”, *Revista do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*, (13): 43-73

Molina, José Luís e Valenzuela, Hugo. (2006). *Invitación a la antropología económica*. Barcelona: Bellaterra

Monteiro, Lorena. (2009). “Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da sociologia e da história”, *Sociologia e Cultura*, 12 (1): 20-32

Nunes, Edison. (1989). “Carências urbanas, reivindicações sociais e valores democráticos”, *Lua Nova*, (17): 67-91

Peers, Laura. (2002). “Revising the past: the heritage elite and Native peoples in North America”. In: Cris Shore and Stephen Nugent (Eds.). *Elite Cultures. Anthropological Perspectives*. London and New York: Routledge, 173-188.

Pelissari, Marina Kruger. (2012). *A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande- R.S (1956 a 1960)*. Dissertação para a obtenção do grau de mestre em História. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, departamento de História

Pinto, José Madureira. (1991). “ Considerações sobre a produção social de identidades”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (32): 217-231

Reis, Elisa P. (2000). “Percepções da elite sobre a pobreza e desigualdade”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 15 (45): 143-152

Rocher, Guy. (1971). *Sociologia Geral*. Lisboa: Editorial Presença. pp. 7-37

Rogério, S. Necromantein. *Popper: essencialismo, instrumentalismo e a tradição de Galileu*. 2012. Disponível na [WWW.URL.http://oleniski.blogspot.com/2012/01/popper-essencialismo-instrumentalismo-e.html](http://oleniski.blogspot.com/2012/01/popper-essencialismo-instrumentalismo-e.html). acesso em 3.12.2013

Santana, Élcio Eduardo de Paula, e Sobrinho, Zaki Akel. (2007). ”Interpretativismo, seus pressupostos e sua aplicação recente no comportamento do consumidor”. *Encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade*, pp. 1-10

Shore, Cris. (2002). “Introduction: towards an anthropology of elites”, in: Cris Shore & Stephan Nugent (Eds.). *Elite Cultures: anthropological perspectives*. London and New York: Routledge, pp. 1-21

Silveira, Áurea Viviane Fagundes. (2006). *Desenvolvimento local e o processo de territorialização de elite: os condomínios como factor de segregação espacial em Montes Claros- MG*. Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Desenvolvimento Social. Montes Claros: Universidade de Montes Claros

Sousa, Tiago Leandro. (2009). “Novos caminhos, velha segregação: Florianópolis e a construção de novos espaços de elite”, in: *Anais da XXV ANPUH (simpósio Nacional de História)*. Fortaleza, pp. 1-11

Sumich, Jason. (2008). “Construir uma Nação: Ideologias de Modernidade da Elite Moçambicana”, *Análise Social*, 43 (187): 319-345